



UNIVERSIDAD DE CIENCIAS EMPRESARIALES Y SOCIALES

Domingues, Teixeira, Maura Jeanne. **Um estudo investigativo dos desejos e defesas e seus estados, priorizando os atos de fala do discurso, na obra literária *Hamlet*, de William Shakespeare, com o Algoritmo David Liberman, sob uma perspectiva intersubjetiva.**

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar una pequeña muestra de una obra literaria - *Hamlet de William Shakespeare*, a través del análisis del discurso, como actos de habla. El tema a investigar es la venganza como acto, y por tratarse de una gran obra literaria, este estudio utilizará la teoría psicoanalítica freudiana unida al método de investigación sistemática, el Algoritmo de David Liberman (ADL) para interpretar los deseos, defensas y sus estados, del personaje Hamlet, bajo una perspectiva intersubjetiva.

Palabras clave: deseos, Hamlet, literario, psicoanalítico, actos de habla, defensas.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar uma pequena mostra de uma obra literária – *Hamlet de William Shakespeare*, pelo crivo da análise do discurso, enquanto atos de fala. O tema a ser investigado é a vingança enquanto ato, e por se tratar de uma grande obra literária, este estudo vai utilizar a teoria psicanalítica freudiana acoplada ao método de investigação sistemática, o Algoritmo David Liberman (ADL) para interpretar os desejos, defesas e seus estados, do personagem *Hamlet*, sob uma perspectiva intersubjetiva.

Palavras – chave: desejos, Hamlet, literária, psicanalítica, atos de fala, defesas.

1 - Introdução

Este estudo contempla um método de investigação sistemática do discurso desde a perspectiva psicanalítica, o Algoritmo David Liberman (ADL). Dessa forma, este método é adequado para o estudo dos desejos e defesas (e seus estados), a partir da análise do discurso de uma obra literária: *Hamlet, de William Shakespeare*.

É necessário enfatizar que a linguagem é o instrumento simbólico por excelência da espécie humana. Sendo assim, busca-se a partir de um excerto extraído de uma Tese doutoral, analisar as estruturas-frase (atos de fala) enquanto componentes verbais, que denotam os atos vingativos do personagem protagonista *Hamlet*, sob uma perspectiva intersubjetiva. Maldavsky (2007, p.17) reitera que a intersubjetividade implica processos anímicos para tramitar as exigências pulsionais próprias e dos interlocutores, recorrendo a defesas funcionais e ou patológicas. Entretanto este estudo vai favorecer os atos de fala do personagem protagonista Hamlet e a antagonista, Rainha Gertrudes, através das linguagens de erotismo, defesas centrais e seus estados.

O método a ser utilizado, o Algoritmo David Liberman (ADL), segundo Maldavsky (1997), deriva das investigações sobre os modos específicos de transposição da erogeneidade, enquanto lógica e linguagem. Daí que tais erogeneidades acessam a sua manifestação através das palavras, frases e o relato, como linguagens de erotismo.

A respeito da metapsicologia formaliza-se o repertório das erogeneidades, sobretudo a partir das ideias de Freud, que por sua vez inclui as influências de Abraham (1961) para as fases do desenvolvimento psicosssexual: oral primária, sádico oral secundária, sádico anal primária, sádico anal secundária, fálico uretral, fálico genital. A este conjunto agrega-se outra erogeneidade, que Freud (1926) em seu texto: "Inibição, sintoma e angústia", descreve rapidamente e que Maldavsky denomina como libido intrassomática, quando no primeiro momento da vida, os órgãos internos, sobretudo o coração e os pulmões recebem um exitoso sobreinvestimento libidinal.

Tratamos de precisar las características de cada goce erógeno, de la ensambladura de cada pulsión sexual com la autoconservación y com la de muerte, el tipo específico de práctica motriz, de formalización de la materia sensible, de huella mnémica y de lógica que rige el pensar inconciente. (Maldavsky, 2000, p.705)

Os atos de fala formam parte das funções pragmáticas da linguagem. De acordo, Owens (2008) esclarece que estas funções se dividem em intrapessoais e interpessoais. As

funções intrapessoais, também referidas como ideacionais, referem-se ao que tenha relação com a linguagem interna, com a memória e a todo desenvolvimento conceitual. Já as funções interpessoais fazem referência com a comunicação; uma das unidades utilizadas é o ato de fala, o qual transmite representações mentais e as intenções dos falantes.

Segundo Sebastián Plut (2007), para que se ponha em marcha esta pesquisa é necessário entender a subjetividade do ponto de vista da erogeneidade, a qual supõe que o mundo sensorial, as ações, as representações, os valores e os nexos intersubjetivos recebem uma significação específica. Ele aclara que:

Cada erogeneidad es una fuente de significatividad que aporta rasgos diferenciales a la vida simbólica y se manifiesta como cosmovisiones, como repertorios específicos de desempeños motrices, de afectos, de formalizaciones de la materia sensible, de valores e ideales. (Plut, 2007, p.209)

2 – História: aporte à literatura psicanalítica

A trama acontece devido a mãe de Hamlet, a rainha Gertrudes ter contraído matrimônio com o cunhado Cláudio e por ele ter assumido o poder e o trono. A tragédia de *Hamlet*, escrita em 1601, há quatro séculos, continua sendo objeto de um número incontável de estudos. Freud quando cita Hamlet pela primeira vez, dirige-se a seu amigo Fliess, em 15 de outubro de 1897: “Assim a consciência nos torna a todos covardes”? Como é que ele consegue explicar sua hesitação em vingar o pai assassinado através do seu tio (...). Daí que Freud a fim de elucidar o fenômeno vingativo utiliza algumas contribuições do campo literário. A história que permeia essa tragédia possui uma temática semelhante a do Édipo Rei, de Sófocles. No entanto, em *Hamlet*, a fantasia infantil edipiana não se conforma tão explicitamente quanto em Édipo Rei. Então, o que impede Hamlet de executar sua vingança? *Hamlet* defrontando-se com a tarefa de vingar a morte do pai, rei da Dinamarca, vê-se paralisado diante de tamanho desafio. O príncipe da Dinamarca não consegue vingar o pai morto porque se identifica com o próprio assassino, Cláudio, seu tio, vendo nele a concretização do desejo universal que assola toda criança do sexo masculino; a qual anseia tomar o lugar do pai junto à mãe pela via do parricídio.

Por se tratar de uma investigação de cunho psicanalítico, a obra literária, *Hamlet* de Shakespeare, aporta inúmeras possibilidades da linguagem como uma forma de determinar sob que condições a linguagem pode tornar-se um objeto epistemológico e em que limites ela se desdobra.

Segundo Freud (1896) um acontecimento real na vida de *Shakespeare* o impulsionou a representá-lo em *Hamlet*. A questão da hesitação em *Hamlet* de vingar o pai assassinado perpetrado pelo próprio irmão se constitui para Freud como passível de receber uma explicação, a partir da teoria psicanalítica. Freud considera que a hesitação de *Hamlet* quanto a esta tarefa – ao ser contraposta a *sua* ausência de escrúpulos, ao mandar seus cortesãos à morte, ao matar Polônio, e, ao lançar-se a um embate mortal com Laertes – só *poderia* ser explicada pela “[...] obscura lembrança de que ele próprio havia contemplado praticar a mesma ação contra o pai, por paixão pela mãe” (Freud, 1896, p.27). *Hamlet* se tornou uma das mais celebradas obras da literatura ocidental. No entanto pode-se até dizer que a mais revisitada, por muitos aspectos pelos quais o teatro de Shakespeare tem despertado interesse no campo da psicanálise.

3 – Apresentação do método Algoritmo David Liberman (ADL) e seus níveis de análise

Segundo Maldavsky (2004), o Algoritmo David Liberman foi desenhado para investigar o discurso desde a perspectiva psicanalítica freudiana. Este método procura detectar as erogeneidades e as defesas em três níveis da linguagem: palavra, frase e relato. Quanto ao repertório das pulsões (e os desejos correspondentes) baseia-se na obra de Freud. Sendo assim, este repertório inclui sete pulsões e desejos correspondentes: libido intrassomática (LI), oral primária (O1), oral secundária (O2), anal primária (A1), anal secundária (A2), fálico uretral (FU) e fálico genital (FG).

Quanto às defesas pode-se conceituar como um conjunto de operações cuja finalidade é evitar o desprazer. Os mecanismos de defesa tentam reduzir ou suprimir toda modificação suscetível de colocar em perigo a integridade, constância e equilíbrio do sujeito.

Maldavsky, (2013, p.32), fala que entre as defesas centrais, é possível incluir as funcionais (que permitem o enriquecimento psíquico e implicam graus menores ou maiores de conciliação entre os setores em conflito) e as defesas patológicas (que conduzem a um empobrecimento psíquico e implicam soluções mais drásticas ante aos setores em conflito). Entre as defesas funcionais, por ordem decrescente quanto ao grau de conciliação entre os setores em conflito, é possível distinguir quatro delas que são centrais: 1- acordos aos fins, 2 - inibição, 3 - criatividade, 4 - sublimação. Entre as defesas patológicas, por ordem decrescente quanto ao grau de conciliação dos setores em conflito, é possível distinguir cinco delas que são centrais: 1- repressão, 2 - repressão com traços caracterológicos, 3 –

desmentida, 4 - desestimação da realidade e da instância paterna, 5 – desestimação do afeto.

Maldavsky (2004) propõe categorizar as frases em termos de uma semântica (a significação erógena) da enunciação. Daí que é pertinente uma frase posta em ato que expresse a subjetividade de quem a profere. Logo, a dramatização, a interrupção intrusiva, a reflexão de emoções, a acusação ou reprovação são atos de enunciação que correspondem a diferentes linguagens de erotismo.

3.1 – Estado das defesas

Maldavsky, (2013, p.36) afirma que a respeito do estado da defesa, cabe destacar que Freud (1915), argumentou que as manifestações clínicas que expressam o sofrimento de um paciente derivam do fracasso da defesa, e não do momento em que esta tem êxito. As defesas têm duas funções: 1 – manter o equilíbrio narcisista, o sentimento de si, 2 – rejeitar algo conflitivo fora do ego.

O êxito da rejeição é condição para manter o equilíbrio narcisista, que é o objetivo básico. Se uma defesa é exitosa, o ego logra rejeitar algo conflitivo e mantém o sentimento de si. Se a defesa fracassa, esse algo conflitivo retorna ao ego e emerge a angústia. Porém, pode ocorrer também um desenlace misto, no qual não retorna o conflitivo, mas o ego não mantém o sentimento de si, mas uma condição bastante neutra. Portanto, é possível categorizar o estado da defesa como: exitosa, fracassada e mista.

3.2 – Preparação da amostra

Esta pesquisa conta com uma amostra não aleatória. Trata-se de uma obra literária, “Hamlet”, de Shakespeare, dramaturgia, onde serão selecionadas cenas, um curto fragmento, que denotem atos de vingança. Outra questão relevante é a seleção das cenas, a qual prioriza atos de fala do personagem Hamlet, príncipe da Dinamarca, (1601), filho do rei Hamlet, com sua interlocutora, a Rainha Gertrudes, sua mãe. A trama acontece devido a mãe de Hamlet, a rainha Gertrudes ter contraído matrimônio com o cunhado Cláudio e por ele ter assumido o poder e o trono. O objeto desta pesquisa centra-se na complexidade dos atos de vingança e pelo qual é tão importante para Hamlet realizá-la.

A amostra é um curto fragmento de um diálogo entre *Hamlet*, personagem protagonista e a Rainha Gertrudes, sua mãe, nos aposentos reais. A cena transcorre a partir de uma combinação da Rainha com Polônio, conselheiro do Rei, quando tentam tramar a respeito de uma possível discussão entre mãe e filho. Acontece que Polônio se esconde atrás da cortina e é morto por Hamlet, confundido com o Rei Claudius.

A trama acontece devido a mãe de Hamlet, a rainha Gertrudes ter contraído matrimônio com o cunhado Cláudio e por ele ter assumido o poder e o trono. O objeto desta pesquisa centra-se na complexidade dos atos de vingança e pelo qual é tão importante para Hamlet realizá-la. Para a continuidade da seleção de casos, é importante observar que as cenas elegidas vão ter um conteúdo onde mostra a relação de Hamlet com seu pai assassinado e o pedido do pai morto (fantasma) para que vingue a sua honra e o seu trono.

Ato III – Cena IV

[...]

Rainha: - Hamlet, tu ofendeste muito o teu padrasto.

Hamlet: - Mãe, vós ofendestes muito o meu pai.

Rainha: - Ora, ora, vós vos ofendestes com língua tola.

Hamlet: - Vamos, vamos, vós acusais com língua malvada.

Rainha: - Ora, o que é isso, Hamlet?

Hamlet: - E agora de que se trata?

Rainha: - Teríeis esquecido quem sou eu?

Hamlet: - Não, pela cruz, não de verdade! Sois a Rainha, mulher do irmão de vosso marido e, preferiria que não o fôsseis, sois minha mãe.

Rainha: - Pois então chamarei os guardas para prender-vos.

Hamlet: - Vamos, vamos, sentai-vos. Não vos movereis. Não saireis daqui até que vos force a ver a vossa alma na lâmina do espelho dos meus olhos!

Rainha: - O que desejas dizer? Não me queres assassinar? Socorro, oh! Oh!

Hamlet: - O que é isso? Um rato? Com certeza – aposto uma moeda de ouro que matarei esse rato!

Rainha: - Pobre de mim! O que fizeste?

Hamlet: - Não, eu não sei. É isso – o Rei?

Rainha: - Oh! Que ato impetuoso e assassino!

Hamlet: - Um ato assassino: quase tão moralmente depravado, virtuosa Mãe, como matar um rei e casar-se com o irmão dele.

Rainha: - Como matar um rei?

Hamlet: - Sim, senhora, foi a palavra que usei. Adeus, miserável, imprudente e bobo metediço! Tomei-te pelo teu superior hierárquico. Fica satisfeito com a tua sorte. Vê que há algum perigo em te intrometeres demais – Parai de torcer as vossas mãos. Silêncio, sentai-vos e deixai-me que eu torça o vosso coração e assim o farei se for composto de matéria permeável, se o hábito de fazer mal não o endureceu como

5- Rainha – Ora, o que é isso, Hamlet?							X	
6- Hamlet – E agora de que se trata?							X	
7-Rainha - Teríeis esquecido que sou eu?				X				
8- Hamlet - Não, pela cruz, não de verdade!					X			
9- Sois a Rainha, mulher do irmão de vosso marido					X			
10- e, preferiria que não o fôsseis,						X		
11- sois minha mãe.			X					
12-Rainha - Pois então chamarei os guardas para prender-vos.					X			
13-Hamlet – Vamos, vamos, sentai-vos.							X	
14- Não vos moverei.			X					
15- Não saireis daqui até que vos force a ver a vossa alma na lâmina do espelho dos meus olhos!							X	
16-Rainha - O que desejais dizer?					X			
17- Não me queres assassinar?					X			
18- Socorro!						X		
19- Oh! Oh!							X	

	LI	O1	O2	A1	A2	FU	FG	Dominante
20- Hamlet- O que é isso?							X	
21- Um rato?							X	
22- Com certeza – aposto uma moeda de ouro que matarei esse rato!					X			
23- Rainha – Pobre de mim!			X					
24- O que fizeste?					X			
25- Hamlet – Não, eu não sei.					X			
26- É isso – o Rei?					X			
27- Rainha – Oh! Que ato impiedoso e assassino!			X					
28-Hamlet – Um ato assassino: quase tão moralmente depravado, virtuosa Mãe,				X				
29- como matar um rei e casar-se com o irmão dele.				X				
30- Rainha – Como matar um rei?					X			
31- Hamlet – Sim, senhora, foi a palavra que usei.				X				
32- Adeus, miserável, imprudente e bobo metediço!				X				
33- Tomei-te pelo teu superior hierárquico.					X			
34- Fica satisfeito com a tua sorte.					X			
35- Vê que há algum perigo em te intrometeres demais.						X		
36- Parai de torcer as vossas mãos.					X			

37- Silêncio,							X	
38- sentai-vos e deixai-me que eu torça o vosso coração					X			
39- e assim o farei se for composto de matéria permeável,			X					
40- se o hábito de fazer mal não o endureceu como bronze, transformando-o numa armadura e num bastião contra o sentimento.			X					

3.4 – Instrumentos

Instrumentos para

Referências bibliográficas:

Freud, Sigmund. (1896) A correspondência complete de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904). Editado por Jeffrey Masson. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

Derrida, Jacques. A farmácia de Platão. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.